

CAPÍTULO 50

DOI: 10.4322/978-65-995353-8-3-050

IMPACTOS DO ENSINO REMOTO EMERGENCIAL COMO FATOR DE ADOECIMENTO MENTAL EM DISCENTES UNIVERSITÁRIOS: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Edna Gomes dos Santos¹; Renato Marques da Silva²; Elaine Rodrigues Galvão³; Anne

Heracléia de Brito e Silva⁴

¹Graduanda de Psicologia Faculdade Ieducare - FIED/UNINTA, (ednamaiapsi@gmail.com)

²Graduando de Psicologia Faculdade Ieducare - FIED/UNINTA,
(renatomarques04@gmail.com)

³Graduanda de Psicologia Faculdade Ieducare - FIED/UNINTA,
(elainerodrigues8@gmail.com)

⁴Mestra em Gestão estratégica das organizações - FEAD, Docente do curso de Psicologia da
Faculdade Ieducare - FIED/UNINTA, (anne.heracléia@fied.edu.br)

Resumo

Objetivo: Analisar as implicações do contexto pandêmico sobre as taxas de psicopatologias apresentadas em discentes de nível superior advindas da modalidade remota de ensino, do qual são decorrentes do novo modo de vida advindo das medidas contingenciais necessárias no cenário de pandemia por COVID-19. **Método:** Para tal, construímos uma revisão bibliográfica com vistas em uma abordagem exploratória qualitativa a partir de pesquisas realizadas na biblioteca virtual SciELO e base de dados LILACS. **Resultados e Discussão:** Esta revisão esclarece que uma quantidade significativa de universitários, tiveram que enfrentar as decorrências psicológicas ocasionadas pela interrupção da rotina pessoal e suspensão do ensino presencial. As repercussões se manifestaram com o esgotamento emocional que influenciou na alta incidência de casos de ansiedade, depressão, angústia e medo. As adversidades advindas do período pandêmico e consequentemente do isolamento social, estão interferindo de maneira negativa na saúde mental dos estudantes de ensino superior. Desse modo, torna-se indispensável a aplicação de medidas mitigatórias pelo corpo docente e comunidade universitária, objetivando a atenuação dos impactos psicológicos ocasionados por esta crise sanitária. **Conclusão:** Assim, importa considerar a continuidade das explorações sobre as implicações da pandemia na saúde mental dos universitários, a fim de que sejam percebidos mecanismos e reações psicológicas subjacentes, para então, sugerir-se maneiras para prevenir e abrandar os seus efeitos. Logo, inferimos a necessidade que mais estudos sejam desenvolvidos com o propósito de enriquecer a produção de conhecimento científico e, de igual modo, estudos que determinem meios de atenuar os impactos psicopatológicos ocasionados nos estudantes.

Palavras-chave: COVID-19; Saúde mental; Discentes universitários; Ensino remoto.

Área temática: COVID-19

E-mail do autor principal: ednamaiapsi@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Ao final de dezembro de 2019, a China noticiou um número expressivo de casos de pneumonia na população em Wuhan, província de Hubei. Isso acarretou uma enxurrada de informações e também de inseguranças quanto ao momento, que acabou reverberando em uma forte crise no percurso dos estudantes universitários em praticamente todo o mundo (LESCURE *et al.*, 2020).

O agente causador da doença seria o novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2 (Síndrome Respiratória Aguda Grave 2). O patógeno rapidamente se propagou pelo mundo, e, tendo em vista sua enorme proporção e alta virulência, a Organização Mundial de Saúde (OMS) estabeleceu estado de emergência na saúde pública a nível universal, seguidamente anunciando a COVID-19 como pandemia (LESCURE *et al.*, 2020).

À vista disso, no âmbito educacional, os estudantes universitários tiveram que privar-se de suas atividades acadêmicas presenciais, assim como da convivência cotidiana com colegas de sala, corpo docente e comunidade universitária. Além desses fatores, os acadêmicos tiveram um dos seus projetos mais importante cessado, a sua formação profissional (COELHO *et al.*, 2020).

Após a instauração do lockdown, faculdades e universidades foram interditadas e, repentinamente, foi implementado o ensino remoto de modo emergencial como uma possibilidade para a preservação da educação durante o período pandêmico. Contudo, esta medida apresentou inúmeros obstáculos e dificuldades, relacionados especificamente a ausência ou o colapso de recursos como plataformas de aulas online, conexão à internet, entre outros, tal como a inaptidão dos docentes para com este modelo atual (BECKER *et al.*, 2021).

De acordo com as pesquisas realizadas recentemente, a pandemia da COVID-19 tem sido alcinhada como a “pandemia do medo” ou “coronafobia”, devido ao grande aumento do número de casos de ansiedade, depressão, angústia e medo. Toda esta conjuntura tem fomentado impactos na saúde física e mental nas populações, especialmente nos estudantes universitários, sendo um forte indicador para o acometimento do transtorno de estresse pós-traumático, que tende a resultar alterações no comportamento dos discentes, como atenuação do interesse para aprender, não comparecimento nas aulas, aborrecimento e redução de comprometimento (BARROS *et al.*, 2020).

Logo, evidencia-se a partir do atual cenário, que o quantitativo de psicopatologias tem se intensificado, à medida que os universitários têm apresentado problemáticas na adaptação dos estudos no âmbito residencial, bem como anseios quanto aos prejuízos futuros no contexto acadêmico e profissional, o que tem gerado repercussões negativas nos discentes, acarretando o agravamento do nível de saúde mental, assim como a evolução de novos transtornos psicológicos.

Nessa perspectiva, consideram-se as possíveis implicações que a pandemia por COVID-19 teve, tem e terá nos processos de subjetivação humana, onde a taxa de psicopatologias vem aumentando, o que deve ser potencializado pela pandemia, assim como também os seus efeitos em todas as áreas de interação social, sobretudo nas que se referem à produção e troca de conhecimentos, em especial, no âmbito acadêmico. Assim, torna-se imprescindível a investigação da maneira como esse fenômeno pode produzir sofrimento, uma vez que pode possibilitar a criação de estratégias viáveis para lidar com problemas já existentes e urgentes em nosso meio.

À vista disso, o presente estudo objetiva por meio de uma revisão bibliográfica com vistas em uma abordagem exploratória qualitativa, a análise das implicações do contexto pandêmico sobre as taxas de psicopatologias apresentadas em discentes de nível superior advindas da modalidade remota de ensino.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Pandemias comumente apresentam um grande impacto na saúde pública e consequentemente afetam a vida dos sujeitos, logo, estratégias como as medidas contingenciais são necessárias para prevenir que os vírus se propaguem, e diante disso, o isolamento social e o distanciamento de atividades realizadas frequentemente são pontuadas como as maiores transformações verificadas durante este período, por um extenso número populacional (ANDRADE; ALVARENGA, 2020).

Com a vida em sociedade suspensa pelas medidas de combate a pandemia, foi imposto também ao sistema educacional um processo transformativo que atingiu todos os níveis de ensino, e que exigiu, em especial, das Instituições de Ensino Superior, processos de reinvenção de mecanismos e metodologias que subsidiam as aulas, sob a pena de paralisação das atividades. Isto acabou por repercutir também na vida pessoal dos estudantes, transparecendo em sintomas psicopatológicos diversos (ANDRADE; ALVARENGA, 2020).

A saúde mental de alunos universitários tem sido tema de discussão de diversos trabalhos nos últimos anos, com destaque para os alunos de cursos da área da saúde

(RODRIGUES *et al.*, 2020; LOURENÇO *et al.*, 2021). Contudo, com a nova realidade vivida a partir das consequências da pandemia por COVID-19, essa problemática tem se mostrado ainda mais urgente e complexa.

Mesmo antes da pandemia, alguns estudos vinham mostrando que esses alunos tinham maior suscetibilidade a desenvolver Transtornos Mentais Comuns, se comparados ao restante da população (MOTA *et al.*, 2021). Os autores destacam que isso se dá como consequência das características particulares dessa fase da vida, onde o indivíduo se defronta com escolhas e incertezas inerentes à sociedade atual.

Ao se adicionar a essa realidade as medidas de contingenciamento social, necessárias no controle da pandemia, cria-se um cenário ainda mais problemático. Nesse sentido, estudos têm constatado que a interrupção das atividades presenciais nas universidades teve efeito negativo na saúde mental dos discentes, apontando causas como o isolamento, a solidão ou a interrupção de aconselhamento de profissionais no campus (RODRIGUES *et al.*, 2020).

Ainda de acordo com os autores, destacam-se algumas características sociais que afetam a forma como os discentes reagem à nova realidade, estudantes sem renda fixa ou que conheceram alguém afetado pela doença, tiveram índices mais altos de ansiedade, enquanto aqueles que residiam com os pais mostraram resultados opostos.

Soma-se a discussão o paradoxo que se mostrou ser o uso das redes sociais nesse período. De acordo com Mota *et al.*, (2021), essa prática pode ser uma ferramenta amenizadora dos efeitos do isolamento social, já que permite uma socialização, mesmo que a nível digital, porém, ao mesmo tempo seu uso intensivo tem sido relacionado ao aumento do sofrimento psíquico e problemas de saúde mental entre universitários.

Os efeitos psicológicos da pandemia tem sido alvo de muitos estudos e continuarão sendo por muitos anos. Infelizmente, como destacam Mota *et al.*, (2021), os impactos indiretos relacionados a esse fenômeno tendem a ser negligenciados, e as implicações a médio e longo prazo dessa nova realidade talvez nunca possam ser plenamente compreendidas. Contudo, pode-se analisar, entender e trabalhar cada aspecto, num esforço infindável de lidar com o novo normal.

2 MÉTODO

Como método utilizado para reger este estudo apresenta-se uma revisão bibliográfica no intuito de organizar um apanhado de informações acerca das implicações psicopatológicas envolvidas na mudança de vida necessárias no cenário de pandemia por COVID-19, as quais

desencadearam desconforto emocional e elevação do número de distúrbios psiquiátricos, sobretudo, entre os mais vulneráveis.

O trabalho teórico desenvolvido neste estudo constrói-se por meio de abordagem de teor qualitativo, baseado em padrões fixados pelas condições de exigência de um trabalho científico com a premissa de analisar e interpretar os principais aspectos da temática central (MARCONI; LAKATOS, 2011). Para isso, foram realizadas pesquisas na biblioteca virtual SciELO e base de dados LILACS utilizando três descritores como termos-chave, sendo eles: Covid-19, Saúde mental e Discentes universitários, em todas as combinações de duplas possíveis e em trio, com a intenção de obter maior abrangência possível na localização de artigos publicados relacionados à temática.

Como critérios de inclusão na realização das filtragens, confere-se preferência ao recorte de artigos publicados em português em escala internacional, entre os anos de 2020 e 2021, em consideração ao panorama pandêmico. Já para os critérios de exclusão, descartam-se aqueles que aparecem em duplicação de resultados, publicados em datas anteriores ao ano de 2020, ou que a partir da leitura de títulos e resumos não apresentavam coerência com a proposição aqui sugerida.

Do processo de buscas por materiais teórico-científicos nos utilizamos do operador booleano *And*, haja vista sua relevância no refinamento e assertividade da disposição de resultados. Disto, obtivemos, em conjunto as duas plataformas virtuais, um quantitativo total de 355 estudos, dos quais após aferição pelas etapas de filtragem foram escolhidos 6 (seis) estudos que atendiam aos requisitos postulados pelos autores, norteados pelas contribuições de Godoy (1995), e aos quais compuseram as bases discursivas desta revisão.

A escolha metodológica elencada para os procedimentos deste estudo se dá pela característica de análise ampla que é possibilitada, pois segundo Godoy (1995), “para melhor entendimento dos fenômenos estudados, é importante uma análise integradora, capaz de captar todos os pontos de vista relevantes, a fim de que se entenda com clareza toda a sua dinâmica”.

A partir da literatura vigente escolhida na pesquisa exploratória, são apresentadas ponderações e discussões pautadas nos consensos e semelhanças, e também em possíveis divergências teóricas e distintos pontos de vista, isto, a fim de explanar de forma mais ampla sobre os principais delineamentos que versam sobre a problemática central.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Há um repertório já bem reconhecido e discutido, porém ainda muito nebuloso sobre as consequências negativas da pandemia de Covid-19 frente às mais variadas vivências sociais

atuais e que ainda estão por vir. No âmbito da formação acadêmica, as análises reflexivas versam sobre a percepção discente, docente, e se estendem sobre a comunidade como um todo, no qual costumam considerar, pela via holística, sobre as adversidades vivenciadas durante o distanciamento social (RIBEIRO *et al.*, 2021).

Disto, Rocha *et al.* (2021) revelam em seus estudos que muitos discentes enfrentam dificuldades de adaptação ao período de pandemia em aspectos relativos à saúde mental que corroboram em instabilidade emocional, frustração e até mesmo revolta. Entretanto, também ressaltam a denotação de positividade relativa à esperança, desenvolvimento de atividades de lazer, e ainda acentuação do autoconhecimento e da relação familiar.

Maia e Dias (2020) em uma pesquisa composta por dois grupos, um constituído por 460 participantes com idade média de 20-14 anos, e outro por 159 participantes com idade média de 20-40 anos, todos estudantes universitários de Portugal, detectaram apresentação de níveis significativamente mais elevados de depressão, ansiedade e estresse durante o período pandêmico comparativamente aos que integraram o estudo no período "normal". Os autores sugerem um impacto psicológico negativo da pandemia nos estudantes, mas consideram possível a influência de mais variáveis implicadas nos resultados.

Nesse sentido, Rocha *et al.* (2021) também indicam fatores múltiplos sobre as emoções geradas no contexto de pandemia, apontando que os discentes que relataram medo mais elevado de que algum familiar fosse infectado, consequentemente apresentavam níveis estatísticos mais baixos de bem-estar psicológico, e assim, predisposição a sintomas depressivos.

Lourenço *et al.* (2021) em um estudo transversal descritivo-correlacional com 705 alunos de enfermagem brasileiros, buscaram analisar a relação entre o fator esperança e o bem-estar psicológico desse grupo. Dentre as constatações deste trabalho, identificou-se que um número maior de horas de trabalho no computador e em aulas síncronas, está relacionada significativamente com resultados mais baixos nos níveis de bem-estar psicológico.

No estudo transversal exploratório transversal com 5.735 pessoas, vinculadas a Universidade Federal de Ciência da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), constata-se que: “a pandemia de COVID-19 exerce efeitos na saúde mental dos participantes, de forma que o sentimento de impotência, angústia, medo de perder familiares, amigos ou conhecidos, irritabilidade, tristeza estiveram amplamente presentes, semelhantes a outros estudos que analisaram o efeito psicológico da COVID-19” (RIBEIRO *et al.*, 2021, p. 04).

Os resultados desse mesmo estudo indicam que as mulheres apresentaram todos os sentimentos negativos investigados, com exceção da irritabilidade e do tédio, indicativos

superiores aos resultados dos participantes do sexo masculino, e esses resultados corroboram estudos semelhantes anteriores.

Em muitas das pesquisas os resultados sugerem os mesmos impactos psicológicos negativos advindos da pandemia nos universitários, denotando reações emocionais que revelam estresse, raiva, luto e pânico, sendo estas associadas às constantes preocupações geradas pelo atraso das atividades, da maneira como acontecem e todo o temor que cerca a situação como um todo (LOURENÇO *et al.*, 2021; GUNDIM *et al.*, 2021).

Na academia, existem impasses enfrentados por grande parte dos discentes, aos quais dificultam o acesso às atividades, sejam síncronas ou remotas, e vão desde falta de conhecimento sobre o aparato tecnológico, perpassando por aspectos sociais e econômicas, até o desânimo na participação das atividades propostas. Isso repercute gravemente nos planos de futuro profissional, onde as preocupações com condições econômicas e atrasos acadêmicos são apontadas como fatores de sofrimento psíquico pelo qual os estudantes estão sendo acometidos (GUNDIM *et al.*, 2021).

Disto, os achados de Ribeiro *et al.* (2021) em suas investidas científicas, levam a discussões sobre métodos de ensino e práticas sanitárias de prevenção de contágio alinhadas à discussão sobre saúde mental, considerando que a manutenção desta é fator fundamental para progressão dos objetivos pessoais e acadêmicos, assim como para a futura profissão.

Em um relato de experiência, Martins *et al.* (2021) apontam as mentorias como estratégia de minimizar os efeitos negativos advindos da realidade imposta no período pandêmico. Os autores identificaram diversas dificuldades de adaptação por parte dos discentes, sobretudo voltadas à saúde mental, como revolta, frustração e instabilidade emocional, indo de encontro a maioria dos estudos abordados neste trabalho. Foi evidenciado, no entanto, que a participação em mentorias interfere nesse processo, mostrando-se uma intervenção eficaz que proporciona apoio essencial a alunos iniciantes, assim como produz efeitos positivos também para os alunos monitores.

Lourenço *et al.* (2021), encontraram correlação entre esperança e domínio afetivo-comportamental, apresentando evidências de que níveis mais elevados de esperança contribuem na diminuição da ansiedade e melhoria da saúde mental e bem-estar subjetivo. Os autores indicam que aqueles graduandos que relataram sair de casa um número maior de vezes apresentaram valores maiores de esperança e bem-estar psicológico, expressando assim, que o fator socialização é entendido como protetor diante da realidade pandêmica.

Os estudos de Gundim *et al.* (2021) vão de encontro com os autores supracitados, uma vez que sugerem o incentivo ao compartilhamento de objetivos comuns, entre universitários,

numa relação de interdependência e sociabilidade, pois constata o envolvimento social como fator protetivo de diminuição dos níveis de desajuste psicológico.

Ainda nessa vertente, Ribeiro *et al.* (2021) postulam que ser adepto a alguma religião também se mostrou um fator protetivo para o surgimento de sentimentos negativos. Além disso, indicam que a posição de ser aluno de graduação infere ser outro fator protetivo quanto ao surgimento de sentimentos como o medo de perder parentes ou a angústia, pois ao possuir mais acesso à informação, esse grupo está menos propenso a sentir impotência diante da realidade.

Ainda segundo os autores, as repercussões do sofrimento psíquico causadas pela pandemia na sociedade em sua totalidade e, em especial, nos acadêmicos, tende a transpassar o período pós-pandemia e atingir a vida social em seus mais diversos âmbitos. Logo, importa considerar a continuidade das explorações sobre as implicações da pandemia na saúde mental dos universitários, a fim de que sejam percebidos mecanismos e reações psicológicas subjacentes a esse período atípico, para assim, sugerir-se maneiras para prevenir e abrandar os seus efeitos.

4 CONCLUSÃO

A inclusão do ensino remoto, de modo súbito e inesperado, trouxe inúmeras problemáticas e desafios aos universitários, que permeiam desde aspectos relativos à inabilidade de docentes e discentes com plataformas de ensino digital, dificuldade no acesso à internet e computadores, impasse em ajustar o período de estudos com as questões pessoais, até o esgotamento emocional que influenciou na alta incidência de casos de ansiedade, depressão, angústia e medo. Assim, infere-se que estas adversidades estão interferindo de maneira negativa na saúde mental dos estudantes de ensino superior. Desse modo, torna-se indispensável a aplicação de medidas mitigatórias objetivando a atenuação dos impactos psicológicos ocasionados por esta crise sanitária. E, para isso, faz-se imprescindível a qualificação dos docentes para melhorarem suas atuações perante reconhecimento prévio e prevenção do sofrimento psicopatológico dos estudantes.

É fundamental que os professores desenvolvam estratégias para lidarem com os estudantes no retorno as aulas presenciais e, do mesmo modo, que apresentem sensibilidade na maneira de proceder durante as atividades propostas, tendo em vista que o regresso a esta dinâmica também poderá ser um fator estressor de elevação dos níveis de ansiedade e depressão nesses indivíduos. Entretanto, para tal, as instituições e esferas públicas e privadas devem disponibilizar suporte e aporte para que os profissionais possam se preparar e se aguerrirem diante das novas demandas educacionais.

Isto posto, é crucial que sejam efetivados estudos e pesquisas continuadas e longitudinais a fim de verificar e observar esses indícios sintomatológicos nos discentes e, dessa forma, empregar medidas profiláticas e pertinentes para dizimar a ocorrência desses transtornos, uma vez que esta pesquisa não esgota a temática. Recomenda-se que mais estudos sejam desenvolvidos com o propósito de enriquecer a produção de conhecimento científico e, de igual modo, sejam realizados estudos que determinem meios de atenuar os impactos psicopatológicos ocasionados nos estudantes de maneira a proporcionar-lhes uma melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. R.; ALVARENGA, M. A. S. Aspectos e intervenções psicossociais nas pandemias na contemporaneidade. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 36, n. 10, e00253520, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00253520> . Acesso em: 14 mai. 2022.

BARROS, M. B. A. *et al.* Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. **Epidemiologia e serviços de saúde**, Brasília, v. 29, n. 4, ago. 2020. Disponível em: <http://scielo.iec.gov.br/pdf/ess/v29n4/2237-9622-ess-29-04-e2020427.pdf>

BECKER, A. S. *et al.* O impacto na saúde mental de estudantes universitários submetidos ao ensino digital remoto durante o isolamento social decorrente da pandemia de Covid-19: uma revisão sistemática. **Revista da AMRIGS**, Porto Alegre, v. 65 n. 1, p. 2-11, mar. 2021. Disponível em: <https://www.amrigs.org.br/assets/images/upload/pdf/jornal/1625675724.pdf>

COELHO, A. P. S. *et al.* Saúde mental e qualidade do sono entre estudantes universitários em tempos de pandemia da COVID-19: experiência de um programa de assistência estudantil. **Research, Society and Development**, v. 9, n. 9, set. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.8074> . Acesso em: 04 out. 2021.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, jun. 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>

GUNDIM, V. A. *et al.* Saúde mental de estudantes universitários durante a pandemia de covid-19. **Revista baiana de enfermagem**, n. 35, e37293, nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.18471/rbe.v35.37293>. Acesso em: 04 out. 2021.

LESCURE, F. X. *et al.* Clinical and virological data of the first cases of COVID-19 in Europe: a case series. **Lancet Infectious Diseases**, v. 20. n. 6, p. 697-706, dez. 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099\(20\)30200-0/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/laninf/article/PIIS1473-3099(20)30200-0/fulltext)

LOURENÇO, T. M. G. *et al.* Esperança e Bem-Estar Psicológico durante a Crise Sanitária pela COVID-19: Estudo com Estudantes de Enfermagem. **Esc Anna Nery**, v. 25, e.

20200548. p. 7, mai. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0548> . Acesso em: 8 dez. 2021.

MAIA, R. B; DIAS P. C. Ansiedade, depressão e estresse em estudantes universitários: o impacto da COVID-19. **Estudos de Psicologia, Campinas**v.37, e. 200067, p. 8, abr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e200067> . Acesso em: 10 nov. 2021.

MARTINS, P. M. D. *et al.* Mentoria entre pares na escola médica: uma estratégia colaborativa durante a pandemia da Covid-19. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 45, e. 118, p. 6, abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.supl.1-20210143> . Acesso em: 7 dez. 2021.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia Científica**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2011. p. 269-289.

MOTA, D. C. B. *et al.* Saúde mental e uso de internet por estudantes universitários: estratégias de enfrentamento no contexto da COVID-19. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 26, n. 6, p. 2159-2170, jun. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021266.44142020>. Acesso em: 7 dez. 2021.

RIBEIRO, L. S. *et al.* Efeitos da pandemia de COVID-19 na saúde mental de uma comunidade acadêmica. **Acta Paulista de Enfermagem**, v.34, eAPE03423, p. 1-7, mar. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.37689/acta-ape/2021AO03423>. Acesso em: 04 out. 2021.

ROCHA, A. C. *et al.* Reflexões sobre a quarentena: uma estratégia de acolhimento de discentes em um grupo de *mentoring*. **Revista Brasileira De Educação Médica**, n. 45, e. 122, p. 1-6, abr. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v45.supl.1-20210181> . Acesso em: 04 out. 2021.

RODRIGUES, B. B. *et al.* Aprendendo com o Imprevisível: Saúde Mental dos Universitários e Educação Médica na Pandemia de Covid-19. **Revista Brasileira De Educação Médica**, n. 44, e. 0149, p. 1-5, set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-5271v44.supl.1-20200404> . Acesso em: 8 dez. 2021.